

CONSERVAÇÃO

Proteger a barreira protetora da Ria Formosa

Ao longo de seis anos, o projeto LIFE Ilhas Barreira restaurou e protegeu as ilhas que permitem a existência do sistema lagunar da Ria Formosa. Lançou também as bases para que as comunidades e autoridades locais garantam uma maior proteção deste ecossistema crucial.



As Ilhas Barreira albergam a maior colónia de gaivota-de-audouin do planeta
Luís Ferreira

Aves marinhas

As Ilhas Barreira são um refúgio insubstituível para aves marinhas, albergando hoje a maior colónia reprodutora de gaivota-de-audouin (*Larus audouinii*) do planeta. Enquanto esta espécie enfrenta declínios preocupantes em praticamente toda a sua área de distribuição, aqui tem encontrado condições favoráveis para prosperar. Desde que se estabeleceu na região, há mais de uma década, a população tem crescido a olhos vistos. Em 2019 contavam-se cerca de 2500 ninhos; em 2024, já eram mais de 7000, demonstrando uma recuperação notável.



Os ninhos camuflados das chilretas tornam-nos muito vulneráveis ao pisoteio
Luís Ferreira

As Ilhas Barreira são um refúgio insubstituível para aves marinhas

Até há poucos anos, a nidificação limitava-se à Ilha Deserta. Porém, em 2022 ocorreu um marco importante: a espécie colonizou também a Ilha da Culatra, sinal de expansão natural da colónia. Esta dispersão reduz a vulnerabilidade da população local, mas os riscos permanecem. A concentração em poucas ilhas significa que qualquer catástrofe natural, a chegada de predadores invasores ou a perturbação humana podem comprometer milhares de ninhos de uma só vez.

Uma das maiores ameaças é a predação por mamíferos invasores, como gatos e ratos. Estas espécies não ocorriam naturalmente na Ilha Deserta; foram introduzidas, intencionalmente ou não, por atividades humanas. Um único gato pode destruir dezenas de ninhos numa noite, com impactos devastadores. Para eliminar essa ameaça, o LIFE Ilhas Barreira capturou todos os gatos assilvestrados da Ilha Deserta, em colaboração com a Associação Animais de Rua. Os animais foram esterilizados e realojados em colónias urbanas de Faro. Para os roedores, a equipa instalou armadilhas de biossegurança, criando barreiras



Muitas aves procuram refúgio nas Ilhas Barreira
Mária Ruiz

nos pontos de entrada mais prováveis, e desenvolveu um plano de biossegurança com medidas de longo prazo para evitar novas invasões.

Outro resultado de relevo foi a atualização do Plano de Ação Internacional

para a gaivota-de-audouin. Criado há três décadas, permanecia inalterado desde então. Através do projeto, foi possível reunir especialistas e representantes de todos os países onde a espécie ocorre, estabelecendo novas prioridades de conservação conjuntas.



Colónia de gaivotas-de-audouin na ilha Deserta
Elisabete Silva

A importância global da população portuguesa levou ainda a uma proposta ambiciosa: a expansão oficial da Zona de Proteção Especial (ZPE) da Ria Formosa para o mar, garantindo não só os locais de nidificação em terra, mas também as áreas de alimentação

essenciais para a espécie e para outras aves marinhas. A perturbação direta dos ninhos é outra ameaça séria, em particular para a chilreita (ou andorinha-do-mar-anã, *Sternula albifrons*), a mais pequena das andorinhas-do-mar europeias. Para proteger os ninhos camuflados na areia,

as colónias foram vedadas e sinalizadas com placas de aviso. Estas ações tiveram impacto positivo, diminuindo pisoteios e aproximações indesejadas.

A sensibilização foi igualmente determinante. O projeto produziu um vídeo de animação sobre a chilreita, que foi exibido online e em escolas. O programa educativo percorreu todas as escolas da região, alcançando 6807 alunos, e foi complementado por um Caderno Pedagógico que permite aos professores explorar temas de biodiversidade e conservação com maior profundidade e autonomia.

Reabilitação de aves

A recuperação das populações marinhas depende também de centros capazes de tratar aves feridas ou debilitadas. Por isso, o LIFE Ilhas Barreira reforçou a infraestrutura e os meios humanos do RIAS – Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens. Foram adquiridos novos equipamentos, incluindo um tanque de reabilitação onde as aves podem praticar natação e mergulho antes da libertação. A equipa recebeu ainda formação especializada, elevando a qualidade dos cuidados prestados.

Entre 2019 e 2024, o RIAS recebeu 7562 aves marinhas, com destaque para casos de “síndrome parético” – uma condição debilitante de causa até então incerta. Graças ao projeto, foi identificado o agente responsável: o botulismo. Com esse conhecimento, a equipa desenvolveu um protocolo de tratamento específico, partilhado com outros centros nacionais e internacionais. Paralelamente, foi elaborado um guia de boas práticas para reabilitação de aves marinhas, estabelecendo padrões que beneficiam a conservação para além da região.

Os resultados falam por si: 3208 aves marinhas recuperadas foram devolvidas ao seu habitat natural, aumentando as hipóteses de sobrevivência das populações.

Dunas e habitats

As forças do vento, das ondas e das correntes embatem contra as ilhas-barreira, remodelando constantemente estes bancos de areia. Uma componente crucial deste ecossistema dinâmico são as dunas cinzentas: as dunas de areia fixas e estáveis mais afastadas da orla marítima, que estão cobertas de vegetação. Investigadores do CIMA - Centro de Investigação Marinha e Ambiental identificaram uma relação direta entre a expansão das gaivotas e a degradação das dunas.

Para analisar o potencial de recuperação das dunas cinzentas, os investigadores criaram zonas de exclusão, bloqueando o acesso das gaivotas a partes das áreas mais degradadas, e monitorizaram o efeito nas dunas. Os resultados indicam que o tempo de recuperação das dunas será superior a vários anos, provavelmente devido às alterações no solo promovidas pelo pisoteio e pelo guano das gaivotas.

A equipa observou que espécies vegetais oportunistas estão a colonizar a área afetada, alterando a comunidade vegetal e, conseqüentemente, o habitat, levando à fragmentação do habitat das dunas cinzentas na Ilha Deserta. No entanto, o sistema deverá ser capaz de se recuperar naturalmente se a pressão for reduzida ou removida.

Restaurar plantas nativas

A recuperação das dunas incluiu a remoção de espécies invasoras. Graças à ajuda de dezenas de voluntários, o projeto conseguiu remover todas as plantas invasoras da Ilha Deserta: um total de mais de 1,6 hectares de acácia (*Acacia saligna*), agave (*Agave americana*) e chorão (*Carobrotus edulis*). Para o chorão, testou-se um método inovador: cobrir a planta com telas escuras, impedindo a fotossíntese e levando-a a morrer, transformando-se numa manta de matéria orgânica. Este método mostrou-se eficiente, mas — como em qualquer tentativa de controlar

plantas invasoras — exige monitorização contínua para evitar novas germinações.

Para sensibilizar sobre esta problemática, o projeto produziu um guia prático sobre plantas invasoras. A ação inspirou as autoridades locais, que iniciaram trabalhos de controlo de invasoras na Ilha de Tavira e na Armona, ampliando o impacto do projeto.

O pisoteio humano é outra ameaça para as dunas. Para mitigá-lo, no âmbito do projeto foram melhorados os passadiços da Ilha Deserta e colocados painéis informativos ao longo dos percursos. Um mapa ilustrado da ilha substituiu o tradicional folheto do projeto, convidando os visitantes a explorar a Natureza com consciência e respeito.

Quando aves e pessoas se encontram

As interações entre aves e comunidades locais foram outro foco. Uma equipa



O projeto removeu todas as plantas invasoras da ilha Deserta
Mauro Hilário



O projeto abordou também as interações entre aves e pescas
Maria Ruiz

do CCMAR - Centro de Ciências do Mar, da Universidade do Algarve trabalhou com pescadores para minimizar a captura accidental de aves marinhas em redes de pesca. Cerca de 1000 inquéritos permitiram identificar as artes de emalhar, tresmalho e cerco como as mais perigosas, sobretudo no outono e inverno.

Mais de 60 embarques anuais dos técnicos do projeto, como observadores, revelaram os momentos críticos: o lançamento e a recolha das redes. As aves são atraídas pelos restos de peixe, arriscando-se a ficar presas. O projeto testou várias soluções, desde papagaios afugentadores, que imitam aves de rapina, a altifalantes com chamamentos de alarme. Contudo, a medida mais simples revelou-se a mais eficaz: guardar as rejeições em baldes e descartá-las apenas no regresso ao porto. Este ajuste reduziu significativamente o número de aves em risco.

O projeto abordou também a dependência das gaivotas-de-patas-amarelas de fontes de alimento de origem humana em aterros e portos. Testou-se o recurso a falcoaria para afastar aves dos aterros, e incentivou-se o descarte

de restos de peixe em contentores fechados. Porém, a escassez de contentores adequados nos portos de pesca continua a ser um obstáculo. Para apoiar soluções duradouras, a equipa produziu um manual de boas práticas dirigido a portos de pesca e aterros.

Perspetivas para o futuro

As ações do LIFE Ilhas Barreira mostraram que a recuperação das ilhas e da Ria Formosa é possível, desde que exista compromisso a longo prazo. A continuidade dependerá agora da vontade das autoridades locais e nacionais, em especial da aprovação e implementação da extensão da ZPE da Ria Formosa no mar.

Manter este ecossistema único exigirá esforço conjunto, fiscalização eficaz e participação ativa da sociedade. O futuro das Ilhas Barreira, das aves que nelas vivem e do paraíso natural que protegem dependerá dessas escolhas coletivas. ■

 www.lifeilhasbarreira.pt

Autora | Sonia Neves
 SPEA



LIFE Ilhas Barreira (LIFE18/NAT/PT/000927)
 Contribuição financeira do programa LIFE da União Europeia e do Fundo Ambiental

As opiniões expressas são da responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente as da União Europeia ou da CINEA. Nem as instituições e entidades da União Europeia podem ser responsabilizadas por elas.

COFINANCIAMENTO



COORDENAÇÃO



PARCEIROS

